

## DISCIPLINA: CONHECIMENTO E SABER

### Poder, violência e conhecimento

#### ***VIOLÊNCIA ESCOLAR: DADOS PARA INICIAR UMA CONVERSA***

Manuel Muñoz

Os meios de comunicação apontam diariamente um aumento dos sintomas de violência e agressividade física ou verbal que atentam contra os direitos individuais e coletivos e que obstaculizam a convivência democrática nos centros escolares. Contudo, a violência não é um fenômeno novo: as sementes e manifestações da violência acompanham a história do ser humano. Antes se reprimiam de forma autoritária na escola e na família, se manifestando na rua. Agora aparece de forma assustadora nas escolas. Em muitos casos, o problema da violência que se manifesta nas escolas fica nas mãos do professor que, sozinho, impotente e sem recursos, tenta fazer o que pode ou, simplesmente, renuncia à sua responsabilidade para sobreviver num meio percebido como hostil e selvagem. E não é uma questão restrita à rede pública de ensino. Sirvam como exemplo os dados de uma pesquisa realizada para mapear as condições de saúde e trabalho dos docentes da rede privada de ensino mineiro divulgada no dia 28 de abril de 2009. Foram entrevistados 2.500 professores numa parceria entre sindicatos de profissionais da educação e MTE (Ministério do Trabalho e Emprego). No Estado de Minas Gerais, 41% dos professores da rede particular de ensino reclamam que já foram agredidos ou ameaçados por alunos pelo menos uma vez, sendo que o 92,84% alegam sofrer cansaços físico e mental<sup>1</sup>.

As conseqüências do fenômeno são sentidas por todos: educadores, famílias, poder público e, principalmente, nossas crianças e jovens. A pesquisadora Marília Spósito, ilustra esta afirmação num artigo em que realiza balanço da pesquisa sobre as relações entre violência e escola no Brasil, após 1980<sup>2</sup>.

A percepção das tensões existentes entre alunos ou entre estes e o mundo adulto tem afeta do o clima dos estabelecimentos escolares, especialmente a ação dos professores, que passam a sentir-se sob ameaça permanente, quer real ou imaginária. O medo do aluno leva o docente a uma freqüente demanda de segurança, particularmente policial, nas unidades escolares, comprometendo a qualidade da interação educativa.

---

<sup>1</sup> SINPRO-MG: <http://www.sinprominas.org.br/conteudos/detalhes.aspx?IdCanal=119&IdMateria=902>  
Acessado em 01/05/09.

<sup>2</sup> SPÓSITO, Marília. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001, p. 100.

Apesar de que, a partir da década de 1980, as diferentes manifestações de violência urbana venham adquirindo cada vez maior importância e dramaticidade na sociedade brasileira, e de que a imprensa se ocupe de encher páginas de jornal e o tempo nos noticiários de rádio e TV, as questões referentes às relações entre violência e educação ainda estão pouco estudadas<sup>3</sup>. Múltiplas são as expressões desta realidade, os sujeitos envolvidos e as conseqüências. Esta problemática tem muitas implicações do ponto de vista da prática educativa, e as suas diferentes manifestações no espaço escolar têm preocupado, de forma especial, pais e educadores.

Segundo o informe da UNESCO sobre a violência nas escolas em América Latina<sup>4</sup>, no Brasil, o debate sobre a violência nas escolas começou nos anos 80, tendo como referência estudos de caso sobre o tema. Contudo, o debate se limitou à esfera acadêmica, pois não existem, em nível governamental, estudos e estatísticas que tratem do assunto de forma global. As informações dos órgãos públicos são pontuais e cada administração tem seguido diferentes orientações no acompanhamento do fenômeno. Além disso, não existem dados sobre os tipos de ocorrência que permitam um diagnóstico mais cuidadoso. E no que se refere à esfera acadêmica, a maior parte da pesquisa produzida se deu nos últimos anos. Marília Pontes Spósito<sup>5</sup>, ao examinar a produção discente na pós-graduação em Educação de 1980 a 1995, reafirma esta idéia ao descobrir que apenas quatro dissertações e teses dos 6.092 trabalhos apresentados abordaram a violência escolar.

Os estudos realizados buscaram delimitar o conceito de violência a partir da população alvo, os jovens, e o lugar social da instituição, a escola. Mesmo sendo trabalhos limitados na sua generalização por analisarem situações locais, nos ajudam a distinguir as principais modalidades de violência: ações contra o patrimônio nos fins de semana nos anos 80 e agressões interpessoais nos anos 90 durante a semana, principalmente nos intervalos entre as aulas. Spósito assinala:

Os anos 90 indicam a continuidade de algumas formas de agressão aos prédios e equipamentos, muitas delas não mais denunciadas porque foram incorporadas às vicissitudes das rotinas escolares. Apontam, também, novas práticas violentas, neste momento, observadas no interior da instituição, durante a semana, nos períodos de aulas, em plena atividade.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> NASCIMENTO, Maria das Graças. Violência e escola: o que pensam os(as) professores(as). In CANDAU, Vera Maria; SCAVINO, Susana (Orgs.). **Educar em direitos humanos: construir democracia**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000. Texto apresentado inicialmente na 22ª. Reunião Anual da ANPEd, em setembro de 1999, e elaborado a partir de pesquisa realizada pela equipe de Escola e Cidadania da Novamérica nos anos de 1997 e 1998.

<sup>4</sup> ABRAMOVAY, Miriam. Enfrentando a violência nas escolas: um informe do Brasil. In: UNESCO. **Violência na escola: América Latina e Caribe**. Brasília: UNESCO, 2003. p. 101.

<sup>5</sup> SPOSITO, 1998, p. 58.

<sup>6</sup> SPÓSITO, 1998, p. 68.

Os fatores sociais são destaque especial entre os pesquisadores brasileiros, principalmente a relação pobreza-violência. Contudo, de acordo com Alba Zaluar<sup>7</sup>, centrar as explicações no foco da pobreza e da desigualdade reduz e impede um entendimento mais complexo da questão. Assim, mais do que a pobreza seria a desigualdade social, a extremada distribuição desigual da renda. Outro elemento habitual explicativo, segundo Spósito, advém dos aspectos históricos, culturais e políticos que marcaram a constituição de sociedades colonizadas, como o Brasil, e que criaram uma cultura de violência e impunidade. Os fatores internos ao mundo da educação apontam para o desencanto em relação ao lugar da educação, para os sempre insuficientes recursos disponíveis pelo sistema de ensino e para sua deficiente qualidade. Igualmente não contemplam apenas a violência física, mas também a ética, a política, além da simbólica. Também existe uma preocupação, segundo Spósito, com a banalização da violência, isto é, com o fato de muitos diretores e alunos não considerarem como violência fatos considerados assim a partir de outra perspectiva.

Atualmente, conforme mostra a pesquisa nacional coordenada pela UNESCO em 2002<sup>8</sup>, existe uma preocupação na sociedade pela violência no cotidiano escolar, pois afeta a alunos, professores, diretores e demais membros da comunidade escolar, prejudicando o relacionamento entre eles, a qualidade do ensino, o desempenho dos estudantes e o interesse deles pelo estudo.

A pesquisa da UNESCO traz alguns dados novos interessantes, como é o da violência de caráter sexual nas escolas. Os dados quantitativos mostram que o volume de ocorrências é relevante, tanto na percepção dos alunos quanto na dos professores e demais membros da equipe pedagógica das escolas: em média, 8% dos alunos e 7% dos professores informaram que já houve algum tipo de violência sexual dentro da escola ou nas redondezas. São significativos os casos em que professores aparecem como agressores. É provável, interpreta a autora do informe, que esses casos ocorram porque eles acreditam que tal violência passaria impune. É um tipo de violência simbólica ou abuso de autoridade, próprio de uma cultura de discriminação contra as mulheres. Ao respeito do porte de armas na escola os dados não estranham: 13% dos estudantes dizem ter testemunhado porte de armas de fogo ou de outras armas por alunos, professores ou pais dentro do ambiente da escola. Para os professores, a proporção de respostas positivas varia de 2% a 8%, quando questionados sobre a presença de armas de fogo e entre 8% e 19%, quando mencionam a presença de armas brancas na escola.

Numa pesquisa publicada no ano de 2010 e realizada com 107 educadores do Ensino Médio de 14 escolas de Natal (RN) o 70% deles afirmaram já ter sofrido algum tipo de violência no espaço escolar. Retirando

---

<sup>7</sup> ZALUAR, Alba. Oito temas para debate: violência e segurança pública. **Sociologia Problemas e Práticas**, Rio de Janeiro, v. 38, p. 19-24, 2002, p.20.

<sup>8</sup> ABRAMOVAY, 2003, p. 103.

os 11,11% que afirmaram ter sofrido tapas e empurrões, o 88,89% restante sofreram com ameaças, desrespeito, danificação de objetos pessoais e, inclusive, ameaças de morte (2,28%)<sup>9</sup>.

Estes dados promovem a necessidade de novas pesquisas incorporando o pressuposto de que não é um fenômeno exclusivamente brasileiro. É somente ler os jornais dos países vizinhos, da Europa e dos Estados Unidos, em que o problema chega a adquirir pontualmente proporções de massacre. A análise da violência no interior das escolas traz desafios diversos aos pesquisadores e educadores, pois vai pedir tanto o reconhecimento das especificidades das situações concretas como a compreensão de processos mais abrangentes sociais e institucionais.

---

<sup>9</sup> CAMPOS, Herculano; JORGE, Sâmia Dayana. Violência na escola; uma reflexão sobre o *bullying* e a prática educativa. **Em aberto**. Brasília, v.23, n.83, p.107-128, mar.2010, p. 123.